

En Doiro,
antr'o Porto e Gaia

Estudos de Literatura Medieval Ibérica



Organização

JOSÉ CARLOS RIBEIRO MIRANDA

revisão editorial

RAFAELA DA CÂMARA SILVA



estratégias criativas

PORTO

En Doiro, antr'o Porto e Gaia

Estudos de Literatura Medieval Ibérica





TRADUÇÃO PENINSULAR DAS ESTÓRIAS DO SANTO GRAAL, MERLIN E TRISTAN*

SIMONA AILENII

UNIVERSIDADE «ALEXANDRU IOAN CUZA» DE IA I / SMELPS (IF)

Entre os textos arturianos peninsulares preservados até hoje, os do ramo ocidental – a *Estória do Santo Graal (Livro Português de José de Arimateia)*, o *Livro de Merlin* e o *Livro de Tristan* – evidenciam-se tanto pelo carácter material e textualmente fragmentário dos testemunhos, como pela sua antiguidade, que revela uma página importante da história da cultura e da literatura peninsular.

Quanto ao carácter materialmente fragmentário, nota-se o destino comum dos três testemunhos, após o advento da imprensa. Ou seja, meios fólhos e bifólhos dos códices pergaminácios, que testemunham a tradução galego-portuguesa do ciclo do Pseudo-Robert de Boron, foram reutilizados, em épocas posteriores, na confecção de encadernações de vários documentos. Assim, um bifólio, datado dos finais do século XIII-inícios do século XIV, em que lemos a *Estória do Santo Graal*, serviu de capa para um documento notarial do século XVII, oriundo de Santo Tirso. Este fragmento arturiano conserva-se hoje no Arquivo Distrital do Porto, sob uma cota individual¹. Um meio fólio e um bifólio, datados do século XIV, que transmitem a tradução galego-portuguesa da *Suite du Merlin*, serviram de reforço da capa de um incunábulo (*Chronicon de 1491*, Arcebispo Antonino de Florença). Os fragmentos pergaminácios deste testemunho arturiano podem ser consultados na Biblioteca da

* Este estudo baseia-se nas conclusões da nossa investigação de doutoramento que foi apresentada na Universidade do Porto em 2012. Cf. Ailenii, Simona, *Os primeiros testemunhos da tradução galego-portuguesa do romance arturiano*, tese policopiada, Porto, Universidade do Porto, 2012, pp. 197-311.

1. Nuno Garcia Guina, *Levantamento de manuscritos em capas de livros notariais do Arquivo Distrital do Porto, cartórios de Santo Tirso e Penafiel*, texto policopiado, Coimbra, Universidade de Coimbra, 1992; Aida Fernanda Dias (2003-2006), «A matéria da Bretanha em Portugal: relevância de um fragmento pergamináceo», em *Revista Portuguesa de Filologia, Miscelânea de estudos in memoriam José G. Herculano de Carvalho*, Coimbra, 2003-2006, vol. XXV, tomo I, pp. 145-221; Ailenii, *Os primeiros testemunhos da tradução...*, pp. 12-19; BITAGAP, manid 3747: <http://bancroft.berkeley.edu/philobiblon/bitagap_po.html>.

Catalunha². E, por último, um outro bifólio, segundo nova investigação de Ricardo Pichel e Xavier Varela, datado da primeira metade do século XIV³, testemunhando a recepção, na Península Ibérica, em tradução galego-portuguesa, da matéria tristaniana, serviu, por sua vez, de capa para uma cópia de um testamento do poeta Íñigo López de Mendoza, Marquês de Santillana. Este bifólio encontra-se preservado no Arquivo Histórico Nacional de Madrid⁴.

No que respeita ao processo de tradução do qual resultou a textualidade destes manuscritos, apontou-se, em investigações anteriores, para um conjunto de técnicas divergentes de tradução. Através de um paralelo entre os textos ibéricos e os correspondentes franceses, este estudo tem como objectivo identificar e analisar os procedimentos de tradução, procurando assim detectar as razões que podem justificar esse padrão divergente.

Para a realização destes objectivos, recorreremos, em primeiro lugar, à *Estória do Santo Graal*, transmitida parcialmente no fragmento de Santo Tirso⁵, do final do século XIII-início do século XIV, e integralmente no manuscrito quinhentista 643 do Arquivo da Torre do Tombo⁶. A porção de texto comum a estes dois testemunhos será comparada com o correspondente de dois testemunhos franceses: um primeiro editado por Jean-Paul Ponceau⁷ representa a versão mista do texto, tendo como base dois manuscritos, o de Amsterdão, Biblioteca Philosophica Hermetica (sem cota), datado do início do século XIV⁸ e o de Rennes, Bibliothèque Municipale, 255, que poderá remontar à década de 1220⁹; e um segundo testemunho, editado por Oskar H. Sommer¹⁰, contém a versão curta do texto transmitida pelo manuscrito 10292-10294 de Londres, British Museum, datado do início do século XIV.

2. Amadeu-J. Soberanas, «La version galaico-portugaise de la *Suite du Merlin*», em *Vox Romanica*, XXXVIII (1979), pp. 174-193; Ailenii, *Os primeiros testemunhos da tradução...*, pp. 19-28; BITAGAP, manid 1604: <http://bancroft.berkeley.edu/philobiblon/bitagap_po.html>.
3. Agradeço aos autores Ricardo Pichel e Varela Xavier a comunicação prévia das conclusões do seu trabalho «A reescritura ocidental da matéria artúrica. Unha nova lectura do fragmento galego do Livro de Tristan», conferência apresentada no âmbito do *XVI Congresso da Associação Hispânica de Literatura Medieval*, Porto, 21-25 de Setembro de 2015.
4. Actualmente este manuscrito encontra-se disponível, em formato digital, no portal do Arquivo Nacional de Madrid. BITAGAP, manid 1483: <http://bancroft.berkeley.edu/philobiblon/bitagap_po.html>; Ailenii, *Os primeiros testemunhos da tradução...*, pp. 28-32.
5. O texto deste testemunho será doravante referido pela sigla ST.
6. *Estória do Santo Graal. Livro Português de José de Arimateia*, ed. José Carlos Miranda, Simona Ailenii, Isabel Correia, Ana Sofia Laranjinha, Eduarda Rabaçal, Porto, Estratégias Criativas, 2016. Este texto será doravante referido pela sigla TT.
7. *L'Estoire del Saint Graal*, ed. Jean-Paul Ponceau, Paris, Éd. Honoré Champion, 1997, 2 vols. Este texto será referido pela sigla Po.
8. *Ibidem*, vol. 1, p. xlix.
9. *Ibidem*, vol. 1, p. lxi.
10. *The Vulgate Version of the Arthurian Romances*, ed. Oskar H. Sommer, Washington, The Carnegie Institution of Washington, 1908, vol. I, *L'Estoire del Saint Graal*. O texto será doravante referido pela sigla So.

Em segundo lugar, o fragmento do *Livro de Merlin*¹¹ apresenta um caso particular, dentro do *stemma codicum* da obra, pela representatividade textual que nele se concentra. A particularidade deste testemunho reside no facto de conter dois episódios – a história de amor do príncipe Anasten contada por Merlin à Donzela do Lago e parte da passagem intitulada *la Roche aux Pucelles* (as doze donzelas adivinhadoras presas no castelo por encantamento de Merlin) –, episódios que não se encontram juntos em nenhum manuscrito francês conhecido até hoje pela crítica. Nessa perspectiva, depreende-se com facilidade que o primeiro episódio contido no testemunho peninsular é comparável com apenas dois do espaço francês, a saber, o manuscrito Huth, na edição de Gilles Roussineau de 1996 (Add. 38117, Londres, British Library, século XIV)¹² e o manuscrito de Cambridge, conhecido na transcrição parcial de Amadeu-J. Soberanas de 1979 (Add. 7071, Cambridge University, século XIV)¹³. No que concerne ao segundo episódio, no espaço francês este conserva-se apenas no manuscrito da Biblioteca Nacional de França, com a cota 112, datado de 1470, na mesma edição de Gilles Roussineau de 1996¹⁴.

Em terceiro lugar, quanto ao fragmento do *Livro de Tristan*¹⁵, foi possível o paralelo com cinco testemunhos franceses. Trata-se dos seguintes manuscritos: 2542, Viena (na edição de Philippe Ménard de 1987)¹⁶; 404, Carpentras 404 (na edição de Renée Curtis de 1985)¹⁷ e de outros três manuscritos que tivemos oportunidade de consultar (ms. fr. 750, BNF¹⁸; ms. fr. 756, BNF; ms. fr. 99, BNF)¹⁹. A particularidade do testemunho

-
11. A edição de referência é coordenada por Pilar Lorenzo Gradín e José António Souto Cabo, *Livro de Tristan e Livro de Merlin. Estudio, edición, notas e glosario*, Santiago de Compostela, Centro Ramón Piñeiro para a Investigación en Humanidades, Xunta de Galicia, 2001. O texto será referido pela sigla LM.
 12. *La Suite du Roman de Merlin*, ed. Gilles Roussineau Genève, Droz, 1996, 2 vols. O texto será referido pela sigla do manuscrito, ms. Huth.
 14. Soberanas, «La version galaïco-portugaise...». O texto será referido pela sigla do manuscrito, Add. 7071, Cambridge Univ.
 14. *La Suite du Roman de Merlin*, ed. Roussineau. O texto será referido pela cota do manuscrito, ms. fr. 112 BNF.
 15. O texto será referido doravante pela sigla LT. A edição de referência é a do *Livro de Tristan e Livro de Merlin*, ed. Lorenzo Gradín e Souto Cabo.
 16. A edição de referência utilizada é da responsabilidade de Philippe Ménard, *Le Roman de Tristan en prose: Des aventures de Lancelot à la fin de la Folie de Tristan*, Genève, Librairie Droz, 1987, vol. I. O texto será referido pela cota do manuscrito, 2542 Viena.
 17. A edição de referência utilizada é da responsabilidade de Renée L. Curtis, *Le Roman de Tristan en prose*, Cambridge, D. S. Brewer, 1985, vol. III. O texto será referido pela cota do manuscrito, 404 Carpentras.
 18. Foi também consultada a transcrição realizada por Lourdes Soriano Robles, *Livro de Tristan. Contribución al estudio de la filiación textual del fragmento gallego-portugués*, Roma, Edizioni Nuova Cultura, 2006, pp. 74-84.
 19. A escolha destes testemunhos franceses foi ditada pela representatividade de cada família do *stemma codicum* da obra. Cf. Emmanuèle Baumgartner, *Le Tristan en prose: essai d'interpréta-*

peninsular reside, por um lado, na sequência em que se registam os episódios contidos – princípio organizador da tradição manuscrita tristaniana – e, por outro lado, no facto de conter o episódio do Cavaleiro da Saia Mal Tallada, dado que nem todos os manuscritos franceses o registam e nem na mesma sucessão. Torna-se, desta forma, mais uma peça reveladora no mecanismo de organização da tradição manuscrita tristaniana.

Ora, com o objectivo de identificar e de analisar mecanismos de tradução, através do paralelo entre estes originais franceses e os correspondentes transmitidos nos testemunhos ibéricos, procurando detectar as razões que os podem justificar, propomos observar alguns elementos ilustrativos.

Antes de passar à descrição individual dos casos, é importante especificar que, para este tipo de estudo, seleccionámos os segmentos em que o texto fonte diverge do texto alvo registado em todos os testemunhos franceses em análise.

Das várias técnicas de tradução identificadas (ausência, amplificação, reformulação, adaptação e modificação estrutural), chamamos a atenção para duas mais representativas do ponto de vista dos conteúdos opostos, a saber, a ausência e a amplificação. O emprego do termo «ausência» explica-se pela sistematicidade da conjuntura que revela que houve efectivamente redução do modelo testemunhado nas versões estudadas. Como exemplo, pode aduzir-se o caso da redução de formas redundantes (de tipo nominal, verbal, adverbial ou unidades superiores, como frase ou segmento narrativo superior), que pode consistir numa opção de tradução circunstanciada pelos recursos linguísticos da língua alvo. Por isso, este género de casos será classificado, na análise dos três textos, como ausência que, veremos, se manifesta parcial ou totalmente. Com a segunda técnica de tradução identificada, a amplificação, situamo-nos no outro extremo, que nos permitirá igualmente delinear uma intervenção baseada, provavelmente, no facto de o texto original carecer de clareza e concisão para os propósitos da tradução. Contudo, será importante perceber em que medida estas intervenções são consequências do acto de tradução ou podem indiciar uma fonte francesa distinta.

I. AUSÊNCIA PARCIAL DE SEGMENTOS

Procedemos ao elenco dos casos classificados como ausência parcial de segmentos, assim como se manifesta na *Estória do Santo Graal*, no *Livro de Merlin* e no *Livro de Tristan*, transmitidos nos testemunhos acima mencionados.

Tabela 1

| | | | |
|-------------------------------|-----------------------|--|--|
| ST (f. 1r / col. II/1. 27-33) | TT (p. 109 / l. 6-10) | So (p. 84 / l.8-11) | Po (§286 / l. 5-8) |
| a. fforçar | <i>muito forçar</i> | esforcier outr sa uolente | enforchier contre sa volenté |
| b. brauo | Cruel | moult crueus et moult fiers | mout fiers et moult crueus |
| ST (f. 1v / col. II/ 1. 20) | TT (p. 110 / l. 11) | So (p. 85 / l. 5) | Po (§288 / l. 24-25) |
| c. [...] | esta vysão | Cel soigne et cel auision | Chest songe et cheste avision |

O texto francês, tanto na versão breve representada pelo manuscrito editado por Oskar H. Sommer, como na mista atestada pelo manuscrito editado por Jean-Paul Ponceau, revela um uso – mais desenvolvido sobretudo na segunda – da amplificação e da ornamentação dos conceitos através da coordenação de sinónimos. Trata-se de uma característica estilística habitual na redacção do texto arturiano na sua produção original. Esta característica pode ser relacionada com a construção do discurso das literaturas antigas (sagrada e/ou profana), nomeadamente latina, cujo conhecimento o redactor do romance medieval francês deveria ter dominado.

A utilização de estruturas sinonímicas tem, como dissemos, a função de amplificar o discurso com efeitos estilísticos. Ora, a tradução galego-portuguesa do texto arturiano não mantém, de um modo geral, esta característica retórica. As respectivas estruturas serão constantemente suprimidas no acto de tradução a fim de conseguir, como veremos, um texto económico e conciso. Vários factores podem ter influenciado o método de tradução do texto arturiano através do qual se operou a redução de construções sinonímicas ou amplificações discursivas com maior grau de complexidade. O factor de ordem económica, no que ao suporte material diz respeito, pode ter contribuído para a redução do texto que neste teria de ser copiado. A língua conjugada com o objectivo da tradução pode também constituir um outro factor. Ou seja, o ambiente linguístico do texto de destino pode não coincidir na totalidade no plano da forma com o do texto de partida, facto que pode ter determinado a redução de qualquer artifício retórico a favor do conteúdo.

O primeiro exemplo acima destacado (Tabela 1, a.) evidencia a equivalência da estrutura verbal «esforcier outre sa uolente» (So) ou «enforchier contre sa volenté» (Po) na forma verbal «forçar» (ST/TT) da tradução galego-portuguesa. O valor semântico «contraindre, forcer»²⁰ do verbo «esforcier» do texto fonte encontra-se completamente restituído pela forma verbal

20. Frédéric Godefroy, *Dictionnaire de l'Ancienne Langue Française et de Tous ses Dialectes du IXe au XVe Siècle*, 1881-1902. Disponível em <http://www.lexilogos.com/francais_dictionnaire_ancien.htm>.

«forçar» do texto alvo. No entanto, a segunda parte da construção verbal francesa «ou-tre sa volente» (So) / «contre sa volente» (Po) parece ter meramente a função retórica de amplificar o valor semântico do complemento verbal.

É possível detectar a mesma técnica de tradução na forma de suprimir a construção sinonímica adjectival «moult crueus et mout fiers» registada no texto de partida representado pelas duas edições registadas (Tabela 1, b.). Com efeito, apesar de os dois testemunhos peninsulares registarem termos diferentes, «brauo» (ST) / «cruel» (TT), podemos supor que a fonte da tradução mantém apenas um elemento do par sinonímico do texto de partida²¹.

O exemplo assinalado sob o ponto c. (Tabela 1) põe, uma vez mais, em relevo a supressão de repetição sinonímica. Ou seja, a unidade sintagmática sinonímica «cel soigne et cel auision» (So) / «chest songe et cheste avision» (Po) do texto prior encontra equivalente apenas do segundo sinónimo no texto posterior legível, desta vez, somente no manuscrito da Torre do Tombo («esta vysão»).

Passamos a ilustrar o mecanismo similar de tradução, a ausência parcial de segmentos, patenteado nos textos *Livro de Merlin* e *Livro de Tristan*.

Tabela 2

| | | |
|------------------------------|-----------------------------------|---|
| LM (f. 67v / col. I / l. 13) | ms. Huth (§381 / l. 20) | ms. Add. 7071, Cambridge Univ (pp. 179-180) |
| aa guisa | a la maniere et a la guise | a la maniere e a la guise |

Tabela 3

| | | | | | |
|---------------------------------------|--|--|---|--|---|
| LT (f. 1r / col. II / l. 6) | ms. fr. 99 BNF (f. 144r / col. I) | ms. fr. 756 BNF (f. 151r / col. II) | 2542 Viena (vol. I, §1 / l. 22-24) | 404 Carpen-tras (§710 / l. 18-20) | ms. fr. 750 BNF (f. 128v / col. I) |
| a. <i>et non he tan sisudo</i> | non mie si sages ne si mesures | non mie tant sachez ne si amesures | non mie si sages ne si amesurés | non mie si saiges ne si amesurez | non mie si sages et si amesures |

21. A divergência lexical entre ST e TT pode dever-se, no caso de TT, à intervenção no acto de cópia quinhentista, segundo a declaração do colofon: «E porem, por a letra *com* a muita antiguidade *nom* ser tam legível e asi por muitos bocabulos irem na antiguidade daquele tempo que agora inenteligíveis nos parecem, tomei disto por escudo Vossa muita clemencia e beninidade, que deste temor me defenderão e do que tenho de alguns dizerem esta minha ousadia ser temeraria». *Estória do Santo Graal. Livro Português de José de Arimateia*, ed. Miranda, Ailenii, Correia, Laranjinha, Rabaçal, p. 5.

| | | | | | |
|-------------------------------|--|--|---|---|--|
| LT (f. 1r / col. II / l. 10) | ms. fr. 99 BNF (f. 144r / col. I) | ms. fr. 756 BNF (f. 151r / col. II) | 2542 Viena (vol. I, §1 / l. 27-30) | 404 Carpentras (§710 / l. 22-25) | ms. fr. 750 BNF (f. 128v / col. I) |
| b. <i>cuíta non fas faser</i> | grant besoing ne le me fait force au s'il ne me fait trop grant oustrage | grant besoign ne le me fet fere ou il ne me fesoit trop grant oultrage | grant besoingne ne le me faisoit faire u il ne me faisoit tel outrage | granz besainz ne le me fait faire, ou il ne me faisoit tel outraige | molt grant besong ne le me fait fa ire ou il ne me faisoit tel oltrage |

Quanto ao exemplo seleccionado do *Livro de Merlin* (Tabela 2), é importante assinalar que se trata de uma ausência por redução da segunda parte do binómio sinonímico adverbial no texto alvo. Ou seja, «a la maniere et a la guise» é traduzido apenas por «aa guisa». Este caso exemplifica, assim, como, apesar da expressividade da construção sinonímica do texto fonte, esta não é adoptada no texto alvo. As razões para tal poderão ter sido a expressão redundante intolerável na língua de chegada e/ou no estilo do tradutor/redactor e a economia textual. Veremos de seguida casos similares no *Livro de Tristan*.

Os dois exemplos destacados do *Livro de Tristan* (Tabela 3) vêm revelar, uma vez mais, que esta é uma característica do texto arturiano em galego-português. Encontra-se, assim, presente, no texto de chegada, somente um equivalente do binómio sinonímico «sage» et «amesuré», ou seja «sisudo», no exemplo a. (Tabela 3). Do par sinonímico «grant besoing» / «grant oustrage», é mantido o equivalente «cuíta», no exemplo b. (Tabela 3). Apesar de não conferir mais informação ou conotação expressiva, o segundo elemento da construção sinonímica desenvolve a noção emitida pelo elemento precedente, tendo a função estética, nestes casos, de dar mais relevo à questão da imaturidade do cavaleiro em questão e mais ênfase ao prejuízo que este poderá causar a Lancelot. Todos estes efeitos estilísticos não conhecem paralelo no texto galego-português, dado o seu carácter conciso e menos elaborado em termos de retórica. Sobre o receptor do texto de chegada, podemos dizer que, na verdade, não fica a saber menos com estes cortes redaccionais operados pelo tradutor/redactor peninsular do que o do texto de partida, apenas percorre um texto menos desenvolvido no plano da forma.

2. AUSÊNCIA TOTAL DE SEGMENTOS

Os excertos seguintes ilustram o mesmo mecanismo de tradução que ocorre, desta vez, de uma forma total, assim como se reflecte nos testemunhos da *Estória do Santo Graal*, no *Livro de Merlin* e no *Livro de Tristan*.

Tabela 4

| ST (f. 2v / col. II / l. 2-4) | TT (p. 122 / l. 6-7) | So (p. 94 / l. 30-32) | Po (§323 / l. 9-11) |
|---|---|--|--|
| Quando tornou en ssua memorya comcou[sic] a olhar derredor de ssy | E quando tornou em sua memoria começou a oulhar darador de si | et quant il fu uenus en sa mémoire ausi com il estoit deuant. si commença a regarder enuiron lui | Et quant il eschapa de chest pensé et il fu repairiés en se memoire, si com il estoit deuant, si commença a regarder environ lui |

Tabela 5

| ST (f. 2r / col. I / l. 33-34-f. 2r / col. II / l. 1-2) | TT (p. 120 / l.31-p. 121 / l. 1) | So (p. 93 / l. 23-25) | Po (§320 / l. 13-15) |
|---|---|---|--|
| Entom ssayu da barca h u hom may s ffremoso | Emtam, saio da barqua um homem tam fermoso | Lors issi vns moult biaux hons hors de la neif | Lors issi li biaux hom hors de la nef |

O segmento narrativo apresentado na tabela 4 evidencia uma ausência total de elementos nos testemunhos peninsulares. Assim, embora o segmento «ausi com il estoit deuant» registado nos testemunhos franceses não encontre paralelo nos testemunhos peninsulares, esta ausência não afecta o plano semântico do enunciado. A estrutura verbal «tornou em sua memoria» dos testemunhos ibéricos (ST/TT), corresponde quase *ad verbum* à construção «il fu uenus en sa memoire» da edição So e «il fu repairiés en se memoire» da edição Po. O seguinte segmento verbal do texto de partida «ausi com il estoit deuant» (So) / «si com il estoit deuant» (Po) não adiciona necessariamente informação ou conotação expressiva à oração, mas revela um desenvolvimento da noção anteriormente presente. A chave desta passagem pode apoiar-se na utilização do verbo «tornar» como equivalente de «venir» (So) ou «repairier» (Po), já o verbo português poderia tornar a tradução da estrutura francesa «ausi com il estoit deuant» (So) / «si com il estoit deuant» (Po) redundante.

No exemplo da tabela 5, a redução total do segmento adverbial deve-se, provavelmente, à expressão redundante que se cria com o semantismo do verbo «sair» («ir ou passar para fora»²²), expressão não adoptada no acto de tradução.

22. *Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa*, dir. Antoine Houaiss, Lisboa, Temas e Debates, 2003.

Tabela 6

| | |
|--|---|
| LM (f. 123r / col. I / l. 15-17) | ms. fr. 112 BNF (§496 / l. 11-13) |
| a. E eles isto dizendo cataron suso . e uiron ata .x. donzelas | Et endementres qu'ilz parloient ainsi , ilz regardent lasus en haut et voient damoy-selles jusqu'a .XII. |
| LM (f. 123 / col. II / l. 2-3) | ms. fr. 112 BNF (§496 / l. 22-23) |
| b. E quando eles as uiron | Quant les .II. compaignons les voient lasus |

Prosseguiremos com a apresentação das situações do *Livro de Merlin* em que encontramos quatro formas adverbiais na mesma frase (Tabela 6, a.): «endementres», «ainsi», «lasus» e «en haut» e, de novo a forma «lasus», num contexto distinto do trecho b., de que o testemunho ibérico retém apenas um equivalente na selecção a. e, em b., nada. Quanto ao primeiro caso, se pusermos a hipótese de o arquétipo francês apresentar o mesmo número de advérbios que o manuscrito fr. 112 da BNF, a operação de *electio verbis* do *Livro de Merlin* é uma consequência do acto de tradução. No que concerne ao caso b., ao percorrer o texto, damos-nos conta de que a forma adverbial localiza o mesmo espaço em que se encontram as doze irmãs presas pelo encantamento de Merlin. Resulta, assim, uma outra ocasião em que a reiteração adverbial é suprimida no acto de tradução. A redução dos componentes sem relevância no plano semântico torna o texto mais económico. É ainda de notar a frase do exemplo a. (Tabela 6) em que se emprega a forma verbal no gerúndio («dizendo»). Pela expressão da acção continuada que o gerúndio confere, a oração pode dispensar-se semanticamente de forma adverbial modal (*cf.* «endementres» e «ainsi» do exemplo a. da tabela 6), de onde resultaria que o contexto linguístico pode condicionar a ausência de constituinte adverbial equivalente no texto de chegada através do acto de tradução.

O *Livro de Tristan* oferece igualmente exemplos de ausência total de segmentos.

Tabela 7

| LT (f. 1r / col. II / l. 15-18) | ms. fr. 99 BNF (f. 144r / col. I) | ms. fr. 756 BNF (f. 151r / col. II) | 2542 Viena (vol. I, §2 / l. 1-6) | 404 Carpentras (§711 / l. 1-5) | ms. fr. 750 BNF (f. 128v / col. I) |
|--|--|--|---|---|---|
| <p>a. Depoys <i>que</i> se Lançarote <i>partiu</i> de casa de seu ospede</p> | Quant Lancelot se fu partis du preudome a qui il avoit faite la promesse telle come je vous ai devise, il se mist tout maintenant a la voie entre lui et ses escuers. | Quant Lancelot se fu departi del preudome a qui il avoit fete la promesse cele come je la vous ai devise il se mist tout maintenant a la voie entre lui et ces escuers. | Quant Lancelos se fu partis du preudome a qui il avoit faite la promesse tele con je vous ai devisee, il se mist maintenant au chemin entre lui et ses esquiers. | Quant Lanceloz se fu partiz dou preudome a qui il ot faite la promesse tele com je vos ai devisé, il se mist tot mentenant au chemin entre li et ses escuiers. | Quant Lancelot se fu parti du preudome a cui il avoit faite la promesse tele com ge vos ai devisee, il se mist maintenant a la voie entre lui et ses escuiers. |
| <p>b. <i>non</i> andou muyto <i>que</i> achou dous caualeiros andantes <i>que</i> <i>tra-gian</i> senllos escudeyros</p> | Il n'ot mie granment ale qu'il atant li chevaliers errans que chevauchoiert tout le grant chemin et menoient avec eulx II escuers | Il n'ot mie granment ale quant il ataint II chevaliers qui chevauchoiert tout le grant chemin et menoient avoec euls II escuers de la Table Reonde | Dont n'ot mie granment alé quant il ataint deus cevaliers errans ki chevauchoiert tout le grant cemin et menoient avoec ax deus esquiers tant seulement | Il n'ot mie granment alé qu'il ataint deus chevaliers erranz qui chevauchoiert tot le grant chemin, et menoient avec eus deus escuiers | Dont n'ot mie granment ale quant il ataint deus chevaliers erranz qui chevauchoiert tot le grant chemin et menoient avec elx deus escuers |

Tabela 8

| | | | | | |
|--|--|--|--|---|---|
| LT (f. 2r/ col. II / l. 23-24) | ms. fr. 99 BNF (f. 149r / col. II) | ms. fr. 756BNF (f. 157r / col. II) | 2542 Viena (vol. I, §27 / l. 19-21) | 404 Car- pentras (\$731 / l. 17-19) | ms. fr. 750BNF (f. 135r / col. II) |
| Enton esteue <i>et</i> fez catar seu caualo se era <i>ben</i> guisado. | Lors s'arreste tout maintenant fait regarder a son cheval qu'il n'y faille riens que ly escuers puisse amender. | Lors s'arreste tout maintenant et fet regarder a son cheval qui ni faille riens que li escuiers puissent amander. | Lors s'areste tout maintenant et fait regarder a son ceval k'il n'i faille riens que si escuier puissent amender. | Lors s'areste tot maintenant et fait regarder a son cheval qu'il n'i faille riens que si escuier i puissent amender. | Lors s'arresteeit fait regarder a son cheval qu'il n'i faille riens que si escuier puissent amender. |

Como se pode ler no segmento a. da tabela 7 e no da tabela 8, no testemunho galego-português encontra-se ausente a referência à companhia de Lancelot («ses escuier»). Este facto pode explicar-se por uma tendência para secundarizar estas personagens, embora muito representativas na ideologia cavaleiresca medieval.

Note-se, ainda na mesma passagem sob o ponto b., que a menção aos escudeiros de Brandeliz e Queia, os dois cavaleiros que Lancelot encontra a seguir à sua partida da casa do hóspede, conhece paralelo no texto alvo. Tratar-se-á de uma eliminação da companhia de Lancelot operada pelo tradutor ou de uma ausência da mesma referência no texto fonte? Em qualquer uma das hipóteses, estamos perante uma tendência para distinguir a forma como os heróis se deslocam: Lancelot, neste caso, sozinho, enquanto os outros, Brandeliz e Queia, aparecem acompanhados por escudeiros nas suas demandas. Poderá este ritual, no caso de Lancelot, denotar, também, a valentia do herói que anda sozinho nas suas aventuras?

Em relação às hipóteses levantadas, seria ainda relevante assinalar que o testemunho BNF, fr. 757²³, da edição dirigida por Philippe Ménard²⁴, apesar de transmitir uma versão heterogénea do *Tristan en prose*, regista em várias ocasiões Lancelot acompanhado por es-

23. É necessário assinalar que não se deve dizer que o ms. BNF, fr. 757 não inclui a história do Cavaleiro da Saia Mal Talhada, mas que a versão V.1, que este ms. representa, só começa numa fase mais avançada da intriga, depois do episódio deste cavaleiro.

24. *Le Roman de Tristan en Prose (version du ms. 757 de la Bibliothèque nationale de Paris)*, ed. Philippe Ménard, Paris, Champion, 1997-2003. Vol. I, ed. par Joël Blanchard et Michel Quéreuil (1997); vol. II, ed. par Noëlle Laborderie et Thierry Delcourt (1999), vol. III, ed. par Jean Paul Ponceau (2000), vol. IV, ed. par Monique Léonard et Francine Mora (2003).

cudeiros²⁵, de acordo com o que encontramos nos exemplos dos testemunhos franceses aqui colacionados. Os episódios em que Lancelot surge acompanhado por escudeiros evidenciam, em geral, o esplendor dos cavaleiros e da corte. Ora, a ausência deste elemento no texto peninsular pode ter resultado de um conjunto de circunstâncias decorrentes do acto de tradução e/ou do ambiente da época em que se realiza a tradução. Ou seja, além dos factores língua fonte/língua alvo, o perfil do tradutor ou revisor, seria ainda necessário ponderar outros factores, como o contexto socio-cultural de recepção do texto.

Tabela 9

| LT (f. 2v / col. I / l. 24-26) | ms. fr. 750 BNF (f. 135v / col. II) | 2542 Viena (vol. I, §30 / l. 7-13) | 404 Carpentras (§734 / l. 6-11) | ms. fr.756 BNF (f. 157v / col. II) | ms. fr. 99 BNF (f. 149v / col. II) |
|--|---|---|---|---|---|
| disseron que nunca tal caualero uiran como aquel | il dient tot apertement qu'il ne virent onques mais un preudome com celui est. Il lor est bien avis que au darrien ne porront il contre lui durer, ainz les metra toz quatre a mort ou a desconfiture | il dient tout apertement k'il ne virent onques mais a nul jour un si preudome n'ausi boin cevalier com chis est. Il lour est bien avis sans doute que au daerrain ne porront encontre lui durer li .IIII. chevalier du castel, ains les metra tous a mort et a desconfiture | il dient tuit apertement qu'il ne virent onques mes un si preudome come cist est. Il lor est bien avis tot plenment que au derrien ne porroient mie durer li chevalier, enz les metra toz quatre a mort ou a desconfiture | il dient tuit apertement qu'il ne virent onques mes I si preudome come cils est. Et il lor est bien avis tout plaiement que au derraine porront mie durer li qat chevaliers encontre lui ains les metra tos .IIII. a mort ou a desconfiture | ilz dient tuit apertement qu'ilz ne virent onques mais i si preudome come ceste est. Il leur est bien avis tout plaiement que au derrain ne porroit il mie durer mais le mectront toz IIII a mort ou a desconfiture |

25. «Mesire **Lancelot** estoit toz arméz fors que sien hiaume que **uns siens escuiers** portoit e prent hastivement et monte en un chevalier», Cf. vol. I, p. 320; «Lors fet mesire **Lancelot** aporter [...] il monte sur un cheval fort et isnel, et s'en part leanz, si seul que il n'enmaine en sa compaignie seulement **un escuier**», Cf. vol. I, p. 425; «Mesire Tristan monte ainsi con il puet et mesire **Lancelot** et **li escuiers**, si se partent leanz», Cf. vol. I, p. 435. Sublinhados nossos.

| | | | | | |
|---|-------------------------------------|---|---|---|---|
| E un cava- leiro vello que estava ante as am as | Qui sus les cren- iaux estoit | «Par Sainte Crois», fait uns viex cevaliers, ki desus les cretiaus estoit | Par sainte croix, fait uns des che- valiers qui sor les cre- niax estoit | Par Sainte Crois, fet I des cheva- liers qui sor les creneaus estoit | Par Sainte Crois, fet I des cheva- liers qui sor les creneaus estoit |
|---|-------------------------------------|---|---|---|---|

No excerto da tabela 9 do *Livro de Tristan*, constatamos a ausência de um longo segmento narrativo no texto de chegada. Estamos perante uma conclusão, provavelmente não adoptada no acto de tradução, de um conjunto de avaliações anteriores sobre a valentia de Lancelot durante o combate deste com os cavaleiros que guardavam um castelo.

3. AMPLIFICAÇÃO DE SEGMENTOS

Em seguida, focaremos a nossa atenção nos casos que põem em relevo a técnica de tradução de que resulta a amplificação do texto traduzido.

Tabela 10

| ST (f. 1r / col. II / l. 26-33) | TT (p. 109 / l. 3-6) | So (p. 84 / l. 6-11) | Po (§286 / l. 3-8) |
|--|---|--|--|
| <p>Em <i>aquel</i> pesar durou muyto e sospirou e chorou moy muyto. Assy <i>que</i> a rraynha <i>que</i> jazya cabo dele ffoy ende moy maraujlhada. Mays nõ lhe pode tanto <i>preguntar</i> por que choraua</p> <p><i>que</i> lho ele quisesse dizer n ela nõno oussaua ende a fforçar</p> | <p>E naquele cuidar, durou <i>muito</i> e sospirou e chorou de sorte <i>que</i> a rainha, <i>que</i> a cabo dele jazya, foi mui maravilhada; e <i>nom</i> lhe pode tanto <i>perguntar</i> por que chorava</p> <p><i>que</i> ele lho quisese dizer, <i>nem</i> ela <i>nom</i> oussava de o <i>muito</i> forçar</p> | <p>ou quel il demoura moult longement. si souspiroit et ploroit mout durement si que la roine qui dales lui gisoit en fu toute esbahie. Mais ele ne li sot tant enquerre</p> <p><i>que</i> il riens li en uoloit dire ne ele ne li en uoloit esforcier outre sa uolente</p> | <p>En cel pensé demoura mout longement en tel maniere dont vous avés oï et si plouroit si durement des iex et souspiroit del cuer ke la roïne, qui delés lui gisoit, en estoit toute esbahie. Mais ele ne li pooit tant enquerre</p> <p>ke il l'en vausist nule riens enseigner ne ele ne l'en osoit enforchier contre sa volenté</p> |

O primeiro segmento (Tabela 10), salientando o procedimento de amplificação verbal por reiteração como característica decorrente do acto de tradução, é da *Estória do Santo Graal*. Estamos no momento posterior às visões do rei Mordão, quando este acorda e permanece numa grande tristeza sobre a qual a rainha não ousa interrogá-lo. Pode ler-se, neste segmento, o estado em que o rei Mordão se encontra após ter tido as visões. Chame-se a atenção para as duas formas verbais «chorou» e «por que choraua», registadas nos testemunhos ibéricos ST/TT (Tabela 10). Só a primeira destas ocorrências encontra paralelo nas redacções francesas em apreço, ou seja, «ploroit» (em So, com a variante gráfica «plouroit» em Po). A oração «por que choraua», amplificada no processo de tradução deve-se talvez a razões de ordem sintáctica e podem justificar a reiteração do verbo «chorar». Todos estes factos linguísticos revelam a ênfase que se dá na tradução aos respectivos segmentos por razões de clareza da expressão discursiva e/ou para assegurar a ritmicidade desta.

O carácter regular do mecanismo de amplificação de segmentos encontrado também no *Livro de Merlin* e no *Livro de Tristan* leva-nos a sustentar a hipótese de estarmos perante consequências do acto de tradução.

Tabela 11

| LM (f. 67v / col. I / l. 20-26) | ms. Huth (§381 / l. 26-29) | ms. Add. 7071 Cambridge Univ. (pp. 179-180) |
|--|---|---|
| E sabede que quando morronerou que morronerou ambos en huum dya. E fforon soterrados des u en aquela camara. E aynda oie os corpos son que non podreçeron. nen podreçeran en nossos tempos ca son Balsamados | Et fu voirs qu'il morurent tout en un jour et furent mis en terre ensamble en la chambre meesmes. Et encore sont li cors, qui ne pourriron pas a mon vivant pour chou que embaussemé furent | E fu voirs qu'il morurent ambdui en un jur e furent enterré ensemble en la chaumbre mesmes, e encor i sunt li cors qui ne poriront pas en noz vivanz, pur ceo que enbapsmé furent |

Assim, o exemplo destacado na tabela 11 do *Livro de Merlin*, retirado do episódio do príncipe Anasten, vem sublinhar a forma como se acentua no acto de tradução a perenidade dos corpos do príncipe e da sua amiga através das repetições verbais «que quando morronerou que morronerou ambos» e «que non podreçeron. nen podreçeran». Salienta-se a hipótese de a reiteração verbal se dar com o objectivo de enfatizar a acção expressa pelo verbo. Trata-se de duas acções do mesmo registo semântico que dão uma dimensão exemplar a esta história, revelando-se, assim, um recurso estilístico decorrente do acto de tradução.

Tabela 12

| | | | | | |
|--|--|---|---|--|--|
| LT (f. 2r / col. I / l. 10-12) | ms. fr.99 BNF (f. 149r / col. I) | ms. fr.756 BNF (f. 157r / col. I) | 2542 Viena (vol. I, §27 / l. 3-5) | 404 Carpentras (§731 / l. 3-5) | ms.fr.750 BNF (f. 135r / col. I) |
| Et sabede <i>que</i> susu na montana a derredor do Castelo auya hu fremoso chão | Et saches <i>que</i> dessus en la montagne avoit une plaine trop belle | Et sachiez <i>que</i> la dessus en la montaigne avoit une plaigne trop bele | Et saciés <i>que</i> la dessus en la montaingne avoit une plaigne trop bele | Et sachiez <i>que</i> la desus en la montaigne avoit une pleigne trop bele | Et sachiez <i>que</i> la desus en la montaigne avoit une plaigne trop bele |

Da lição sublinhada no excerto do *Livro de Tristan* (Tabela 12) sobressai novamente o carácter explícito da tradução em construções em que o texto prior parece carecer de clareza no respectivo segmento ou ser apenas insuficientemente marcado do ponto de vista léxico-semântico, segundo entendemos pela ênfase que o tradutor dá a questões de teor geográfico, como se pode ver na passagem destacada.

Em conclusão, esta análise permitiu-nos observar que nos testemunhos peninsulares se reproduz, de um modo geral, um texto mais económico no plano da forma em relação aos correspondentes franceses confrontados. É importante sublinhar, contudo, que esta característica se manifesta em graus diferentes nas três traduções peninsulares estudadas. A ausência parcial ou total de segmentos afecta, em contextos de redundância ou de expressão supérflua, constituintes nominais, verbais e, nomeadamente, adverbiais e é comum aos três textos traduzidos, mas sem se afastar do conteúdo original. Todavia, o *Livro de Tristan* singulariza-se pela ausência de unidades superiores, como frases e até segmentos narrativos, de onde resulta o seu carácter mais económico entre os fragmentos arturianos peninsulares em análise. Como factores determinantes deste padrão divergente das técnicas de tradução, ponderamos os intrínsecos do acto de tradução que dizem respeito aos recursos linguísticos e estilísticos próprios dos idiomas em contacto – galego-português e francês –. O que é admissível no texto original torna-se intolerável para o de destino, como ocorre nas situações de redundância em binómios sinonímicos, por exemplo. A censura do tradutor/redactor, por um lado, e do receptor, por outro lado, pode, igualmente, ter determinado a tendência para a contração dos nossos textos, tornando-os, assim, menos retóricos e mais concisos. Apesar do carácter sistémico do registo de ausências e amplificações, não se exclui a hipótese de os textos traduzidos transmitirem uma fonte francesa distinta da representada pelos testemunhos franceses colacionados, nomeadamente no caso do *Livro de Tristan*. Mas isso seria já tema para um novo estudo que se deveria apoiar num corpus mais extenso de testemunhos franceses.